

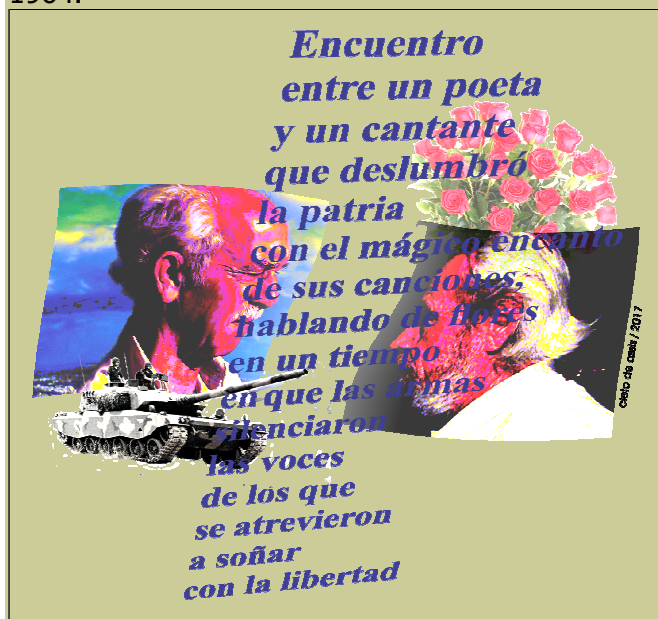
MEU ENCONTRO COM GERALDO VANDRÉ*

Manoel de Andrade

En la década de 70 las rutas del exilio fueron los caminos por donde pisaron muchos brasileños que empuñaron sus banderas y espusieron los símbolos culturales de la resistencia contra los arbitrios de la dictadura militar. Entre tantos, un cantante y un poeta intercambiaron sus abrazos y compartieron sus rimas en la convivencia fraterna en Santiago de Chile.

Este testimonio cuenta la historia de aquel encuentro y preserva la imagen de un cantante que deslumbró la patria con el mágico encanto de sus canciones, hablando de flores en un tiempo en que las armas silenciaron las voces de los que se atrevieron a soñar con la libertad.

Em 1966 eu era um seresteiro. Conhecia tudo o que cantava Silvio Caldas, Orlando Silva e Francisco Alves. Eu tinha um violão e era disputado para fazer serenatas nas madrugadas de Curitiba. "Chão de Estrelas", "Malandrinha", "A Deusa da Minha Rua" estavam entre as mais solicitadas. Não me interessava pela Bossa Nova e detestava o Rock e o Tropicalismo. Dividia meu gosto musical apenas com o jazz e a música clássica. Naquele ano, algo novo me chamou a atenção na música brasileira. Uma canção chamada "Disparada" começou a tocar no rádio, cantada por Jair Rodrigues. Era outro tipo de música, algo novo, e seus versos traziam uma mensagem cheia de encanto, um recado. Era combativa, um canto revolucionário, num Brasil onde o teatro, o cinema, a música e a poesia começavam a engajar-se contra o quartelão de 1964.



Cleto de Assis

Foi assim que conheci e, nos dois anos seguintes acompanhei com interesse, a música de Geraldo Vandré, bem como de Chico Buarque. Depois veio toda aquela febre dos festivais, que eu acompanhava de longe. Em 1968, minha poesia estava absolutamente engajada contra a Ditadura e assim, quando surgiu a canção "Pra não dizer que não falei de flores", com seu refrão *caminhando* pelo país inteiro, como uma convocação de luta, os versos de Vandré entraram em meu coração como o mais inspirado porta-voz de uma música comprometida com seu tempo.

Para mim era maravilhoso imaginar a aurora de um imenso engajamento cultural, sublimada pelo bom combate da música e da poesia e isso porque *fazia escuro*, na pátria, mas Thiago de Mello cantava sua *Canção de amor armado*, Paulo Autran iluminava o país com os textos poéticos de *Liberdade, Liberdade*, as canções de Vandré ecoavam nas trincheiras ideológicas da juventude e, entre tantas bandeiras erguidas, eu panfletava meu lírico protesto nas universidades e nos sindicatos, engrossando o imenso hino de luta contra uma Ditadura cada vez mais cruel. Porém, em 13 de dezembro daquele ano, foi promulgado o AI-5 (Ato Institucional nº 5), e tudo mudou para os que ousassem pensar em justiça e cantar seus sonhos libertários.

Cheguei ao Chile em fins de abril de 1969 e creio que um mês depois chegou Geraldo Vandré. Como eu visitava quase diariamente o apartamento dos brasileiros Salvador Romano Losacco e Edmur Fonseca, num fim de tarde, quando lá cheguei, encontrei o Vandré já instalado. Que surpresa! Caramba, encontrar assim, de cara, a maior celebridade da música popular brasileira da época! Talvez não houvesse, no Brasil, uma imagem tão idealizada como a de Geraldo Vandré. Além de jovem, inspirado e brilhante, tinha qualidades moralmente ainda mais belas, porque foi solidário e magnânimo quando pediu publicamente, em 1966, para dividir o primeiro prêmio de "Disparada", com "A Banda" de Chico Buarque e quando dois anos depois, à custa do segundo lugar para "Caminhando", ele pediu respeito a Chico Buarque e Tom Jobim, ante uma vaia de 20 mil pessoas contra a vitória de "Sabiá".

Eu chegava ao apartamento pelas três da tarde e lá ficávamos, cantando, declamando e jogando conversa fora, até chegarem os donos da casa e alguns exilados, que quase diariamente marcavam sua presença no começo da noite. Foi lá que também conheci alguns mineiros, amigos do Edmur. Lembro-me da presença do pintor Vicente Rosa Abreu; do advogado Antonio Romanelli e tantos outros. Eles gostavam de ouvir o Vandré cantar suas primeiras canções como "Fica Mal com Deus," "Ventania", "Porta Estandarte" e outras. Ele cantava também uma composição chamada "Che", com a qual disse-me ter vencido um Festival de música na Bulgária, um ano antes.

Diferente do meu caso, cujo benefício foi liberado após três meses de minha chegada, Vandré recebeu a ajuda financeira da "Caixinha" logo que chegou ao Chile. O "Zaca", sempre precavido com a ameaça da infiltração dos agentes do SNI (Serviço Nacional de Informações) entre os brasileiros da "colônia", era muito rigoroso para avaliar a aprovação daquele benefício. Cheguei a Santiago como um "ilustre desconhecido", sem nenhuma referência política. Minha única "carta de apresentação" foi o número 21/22, de dezembro de 68, da prestigiosa *Revista Civilização Brasileira*, com meu longo poema, *Canção para os homens sem face*, onde *"canto a vergonha de ser brasileiro num tempo defecado"*, e que dei a conhecer a alguns exilados. Mas para ele o processo correu rapidíssimo, e nem podia ser diferente. Ele chegou ao Chile com a invejável imagem de autor de uma canção que se tornara o símbolo da resistência contra a Ditadura. O Vandré já era um mito.

Tive um convívio quase diário com ele durante umas três semanas. Depois, mudei de residência e passei a ir, muito raramente, ao apartamento do Losacco. Posteriormente, viajei para o sul do Chile, a fim entrar em contato com os índios araucanos que, depois de 400 anos de massacre, sobreviviam invencíveis nas montanhas de Arauco. Quando voltei, isolei-me por semanas na Biblioteca Nacional para estudar a história dos araucanos e as biografias de Lautaro e Caupolicán. Soube, pelos exilados, que Vandr e conhecera uma chilena chamada B elgica Villa Lobos, e teriam se casado.

Nos primeiros dias de julho nos encontramos pela última vez e ele disse que tivera problemas com o visto de permanência, porque recebera uma quantia para cantar num concurso de misses, mas como não tinha licença para trabalhar como músico, foi notificado para sair do país. Ele estava mudado e a posi o aparentemente revolucionária que aparentara com suas can es, estava em desacordo com seu elegante vestuário e as preocupa es com sua aparência, pensei eu. Mas depois constatei que essa era também a opinião de alguns exilados. Alguns destes criticavam-no. Consideravam que ele andava em busca de popularidade e fama. Eu o defendi por achar que esse era o mundo que ele já tinha conquistado. No início de julho despedimos-nos. Disse-me que estava partindo, nos próximos dias, para a Argélia a fim de participar de um festival de música e depois iria para a Europa. Depois desse último contato eu viajei, em fins de agosto, para a Bolívia, e nunca mais soube dele.

Entre maio/junho de 1969, quando o conheci no Chile, muitos no Brasil pensavam que ele fora morto pela ditadura e, pelo que ele então significava, na ampla luta cultural e ideológica contra o regime militar, foi uma alegria encontr -lo vivo. Partilhamos durante muitas tardes as suas can es e os meus poemas, aos quais ele se referia com elogios e através de um estudante chileno, chegamos a programar um recital juntos num teatro universitário. Ele estava compondo uma nova can o chamada: "América", e ambos trein vamos, muitas vezes, o estribilho. Falava-me, com entusiasmo, dos muitos projetos musicais que tinha para o Chile e para outros países do Continente.

A ideia que me ficou de Vandr e era de um homem sensível, um amante da beleza, mas tinha algo diferente, embora não fosse um traço negativo. Algo de excêntrico, intimamente solitário, um pouco indiferente a tudo. Ele se esquivava da conversa ideológica e em nenhum momento se mostrava comprometido politicamente. Imagino que se a ditadura o tivesse aprisionado naquela época, certamente o teriam torturado e quem sabe o tivessem morto, inocentemente.

Neste setembro de 2010, ano em que completa 75 anos, depois de quatro meses de um persistente esforço, a repórter Mariana Filgueiras realizou sua "missão impossível": conseguiu convencer Vandr e a falar para as câmaras da Globonews. Numa entrevista histórica, o escritor e jornalista Geneton Moraes Neto, com grande habilidade nas perguntas, procurou reconstruir velhos caminhos, em busca de sua imagem quase perdida pelo tempo. Mas não creio que tenha conseguido. Parece impossível penetrar em sua aldeia. As respostas são desconcertantes. Inten o ou naturalidade???   difícil saber qual sua postura diante de tanta deslembra a. Quanto a mim, parece incrível verificar que ele nunca se engajou. E são agora posso compreender alguma grandeza na sua dimensão humana. Ele preferiu manter-se alheio a essa sociedade de espetáculo, ao grande shopping de ilusões que é o mundo. Se foi uma atitude pensada, uma op o consciente, essa postura exigiu dele, nesses tantos anos, uma forte retaguarda íntima. Caso contrário, esse isolamento poderia ser fruto de algum desequilíbrio. Se ele

negociou o silêncio, não sei... e nem o julgaria por isso, porque ele mesmo confessa que nunca foi um militante político. Então, não há como esperar dele essa coerência. Por outro lado, para os "sobreviventes" daquele "tempo sujo", essa neutralidade não rima com o estribilho de suas antigas canções. Em 73, quando voltou, vivia-se a fase mais sanguinária da ditadura. Era a época da guerrilha do Araguaia e a Anistia Internacional havia escancarado os crimes da Ditadura, porque a ordem era para não mais fazer prisioneiros. Somos muitos os "sobreviventes" daqueles anos sombrios e Vandré é um dos mais ilustres, comprometido ou não, porque nos seus versos *trazemos a história na mão*. Como *dizer que ele não falou das flores*, se seu perfume ainda recende na nossa mais legítima saudade, na memória e na voz de tantos brasileiros? Muitas das *flores humanas* que ele cantou foram sacrificadas naquele caminhar, *porque acreditaram nas flores vencendo os canhões*. E nos anais dessa *Memória*, é preciso que se diga que as mais belas canções, os verdadeiros poemas não foram escritos em versos. Foram gestos de bravura, opções por um destino, gemidos de martírio, vozes silenciadas. E quando a opressão e a indiferença arrebataram também as nossas bandeiras, outras *flores "morreram"* de desgosto, porque não    possível *viver sem razão*. Algumas, como o próprio Vandré, preservaram-se no meio de tanto desencanto, resistiram às ilusões e às benesses do poder, e sobreviveram na estufa da dor e do silêncio.

Para mim ele era um poeta, com uma legítima preocupação com a arte e, particularmente, com a música, embora tivesse uma visão elitista do fen  meno cultural. Pelo que verifiquei na entrevista, parece que sua postura continua inalterável. E é ainda mais solitária a imagem que nos passa de sua vida atual. Tudo isso é um pouco triste, quando nos lembramos que suas composições traziam uma grande beleza histórica, retratando com encanto e lirismo as ansiedades de um tempo em que foram um estandarte de luta e um símbolo de resistência contra a ditadura. Mas muita coisa mudou. Atualmente, os inimigos estão mascarados, os valores confundidos e as grandes ideologias desacreditadas. As pedras do muro de Berlim caíram sobre todos nós, e até Fidel ameaça jogar a toalha. Penso que não devemos nos conformar com esse sentido trágico da vida, com essa "cultura massificada" de que fala Vandré. Afinal, não podemos fugir da dial  tica da história. Estamos realmente massificados pela antítese da globalização. Somos tão somente consumidores. Nossos inimigos são muito mais fortes que há 40 anos. Lut  vamos, então, contra um inimigo definido: chamava-se *imperialismo*. Em nossos dias, este mesmo inimigo tem outro nome e mimetiza-se mundialmente com o "inofensivo" nome de *globalização* e contra o qual não temos atualmente como escavar nossas trincheiras e estabelecer uma nova tese. Naquele tempo lutávamos contra o "*capitalismo feroz*", que hoje diluiu-se com o manso nome de "*economia de mercado*". Eis porque não podemos nunca arriar nossas bandeiras, abdicar dos nossos sonhos. São eles que nos mant  m vivos, apesar do mundo ter sepultado nossas mais belas utopias.

Sobre suas relações musicais com a Aeronáutica, é uma opção indigesta. Quem já esqueceu do brigadeiro João Paulo Moreira Burnier, tristemente célebre como "o carrasco" da Força Aérea Brasileira? Quem, entre os daquela geração, já esqueceu o "CASO PARA-SAR" e o que se passava nas sinistras dependências do Centro de Informações e Segurança da Aeronáutica (CISA)? Deixemos o Vandré com a "Sinfonia Fabiana", suas razões para viver e o projeto de gravação de suas trinta canções em espanhol. Quem somos nós para julgá-lo?

Que grande enigma pessoal está por trás do que ele não quis dizer nesta

entrevista veiculada pelo poder midiático da Globo, tão bem produzida, conduzida e apresentada pela envolvente locução de Sérgio Chapelin? Provavelmente, os que a assistiram e não souberam interpretar algumas de suas extravagantes respostas, irão chamá-lo de louco. Creio que o Vandré resguardou sua "eloquência" em um implícito silêncio e isso pode significar o mistério de uma invejável liberdade. Essa entrevista deixa muitas portas abertas, e provoca algumas ila es. Como recolocar a sua imagem de mito ante os discutíveis julgamentos do mundo? De um vencedor a um vencido? Como julgá-lo pela sua premiada voz do passado, pelo posterior mutismo e a solidão de tantos anos? Diz ele que está exilado ainda, que até hoje não voltou. Quem sabe essa misteriosa ironia seja sua reação ante a irreverência cultural e a indiferença de um mundo, cujos paradigmas oscilam entre uma grande crise de estesia, interesses inconfessáveis e uma passarela de aparências.

O que significa ser um vencido num mundo de veredictos tão in quos? Qual a diferença entre ser um vencedor e ser invencível? O procurador romano na Judeia e o poderoso Sinédrio de Jerusalém condenaram ao suplício o inocente carpinteiro da Galileia, mas Jesus foi invencível em sua humildade, assim como Francisco de Assis em sua pobreza. Gandhi foi invencível em sua mansidão e o filósofo grego Diógenes em seu despojamento. Quanto a este, diante de tudo o que lhe oferecia o imperador Alexandre, ele apenas pediu que não lhe tapasse o sol. A sua humilde grandeza foi reconhecida mais tarde pelo conquistador quando confessou que: "Se eu não fosse Alexandre, queria ser Diógenes". Eis a  uma bem intencionada metáfora, embora eu não queira comparar o recanto solitário onde, atualmente, vive o Vandré em São Paulo, com o "tonel" de Diógenes, na Atenas de 2.500 anos atrás. No entanto, todos nós temos nosso ótimo "tonel" encravado na gruta da alma.

Quanto a mim, sempre amei a solidão. Aquela solidão que purifica, liberta e nos identifica com a humanidade inteira. A solidão de sermos plenamente nós mesmos. O prazer de sermos apenas um vulto an nimo na multidão. E lembro-me agora da imensa solidão de ter sido um bardo errante, tantas vezes solitário, desterrado de tantas fronteiras pelos memoráveis caminhos da América. Por isso respeito o "tonel" do Vandré como a metáfora de sua solitária plenitude e quisera reencontrá-lo para matar essa saudade de 40 anos. Também sou poeta e, de louco, todos temos um pouco. Haveremos de sempre honrar o seu passado. Não se atiram pedras nos criadores da beleza. Quem deu ao Brasil uma sonoridade combativamente tão lírica, contagiante e duradoura? Quem fez a na o cantar de braços dados pelas ruas em tantos momentos, durante e depois da ditadura, quando a história nos tem mostrado que *somos todos iguais, braços dados ou não...*

(*) Este texto consta do livro ***NOS RASTROS DA UTOPIA, Uma memória crítica da América Latina nos anos 70***, publicado em 2014 por Escrituras.